

Em busca de uma Sociologia da Literatura em Gilberto Freyre

Amurabi Oliveira

DOI - 10.25160/v5i2.ga.4

Introdução

Nas análises biográficas sobre Gilberto Freyre (1900-1987) continuamente destaca-se sua relação de proximidade com a literatura, seja como autor de um vasto legado que também pode ser interpretado como uma monumental obra literária, seja ainda através de suas relações pessoais com muitos autores contemporâneos seus, com destaque para alguns como José Lins do Rêgo (1901-1957) e Manuel Bandeira (1886-1968). Neste trabalho, viso abordar a relação de Freyre com a Literatura através de outro ponto de vista, analisando a Sociologia da Literatura Freyre buscou elaborar, articulando sua discussão teórica com sua autorrepresentação enquanto escritor literário.

Não se trata de assumir aqui que Freyre elaborou um programa claro em torno de uma Sociologia da Literatura, ainda que dissolvida em uma Sociologia da Arte. Sua produção em torno dessa temática encontra-se dispersa em meio a críticas literárias publicadas em jornais, prefácios de livros, artigos, cartas, e alguns trabalhos um pouco mais sistematizados. Notadamente que em todos seus trabalhos é destacada a relevância social da literatura, além dela surgir amiúde como uma importante fonte de pesquisa, mas isso não seria o mesmo que afirmar a existência de uma Sociologia da Literatura no sentido mais estrito.

Apesar de conceber uma Sociologia em processo de interdependência com as demais ciências – o que o dista substancialmente dos seus contemporâneos, mais preocupados em delimitar as fronteiras disciplinas da Sociologia com as demais ciências – Freyre também percebia a existência de campos especializados de conhecimento nesta ciência, como podemos perceber nas indicações realizadas em seu manual *Sociologia* (2009 [1945]), no qual realizar alguns apontamentos acerca da Sociologia do Lazer, da Religião, do Desenvolvimento e da Arte. No que se refere a esta última Freyre (2009: 498) indica que:

Na arte nem tudo é sociológico. O impulso criativo, a intuição propriamente artística não se explicam por nenhuma teoria, apenas sociológica ou exclusivamente racional. O sociólogo da arte deve, portanto, evitar o imperialismo da Sociologia em terrenos apenas parcialmente seus. Sobra, no fenômeno estudado, toda uma riqueza de aspectos metassociológicos ou metacientíficos. Mas se o respeito à livre criatividade, à intuição, ao especificamente estético, aparece como princípio de sabedoria sociológica, é legítima a pretensão do cientista social estudar a arte, pelo que ela necessariamente apresenta como expressão de relações sociais e por suas origens dentro de uma cultura determinada, em tempos e lugares concretos.

Tais questões colocadas são relevantes na medida em que apontam para os princípios que norteiam a análise de Freyre no campo artístico, em geral, e literário, em particular. Podemos perceber com isso, que o autor não busca compreender a arte como um epifenômeno do social, mas sim analisar as questões sociais que estão imbricadas nas condições de produção da arte. Pode-se inferir com isso, que o que se coloca ao fundo de sua discussão é aquela que é a questão primeira da Sociologia: a relação entre indivíduo e sociedade.

Freyre esteve mais preocupado em apreender as dimensões sociológicas da literatura nacional, sobretudo, ainda que não negue as múltiplas influências que nela pode haver, e que em muito ultrapassam as fronteiras nacionais. Tal questão também se coloca em meio ao debate que o autor desenvolve acerca da relação entre modernidade e tradição, e devido a tanto, em sua análise ganham espaço os autores ligados ao romance regional, especialmente os escritores nordestinos, com os quais ele manteve vínculos intelectuais e afetivos.

A hipótese que busco desenvolver nesse texto é relativamente simples, ainda que não tenha sido levado a cabo por outros examinadores do legado de Freyre: sua Sociologia da Literatura se conecta diretamente a sua autorrepresentação enquanto escritor, e esta só pode ser compreendida à luz das transformações que ocorreram no campo das Ciências Sociais no Brasil entre os

anos de 1930 e o começo da segunda metade do século XX.

Para uma melhor compreensão dos argumentos a serem desenvolvidos dividirei o trabalho em duas partes: na primeira buscarei explorar a ligação de Freyre com o campo da Literatura, destacando sua autorrepresentação enquanto escritor e a dimensão literária de seus próprios trabalhos; logo em seguida tentarei indicar os elementos que considero centrais na Sociologia da Literatura que o autor esboça, partindo de alguns trabalhos seus menos conhecidos.

Para Além do Sociólogo, Gilberto Freyre como Escritor

Como alguns de seus biógrafos apontam, Freyre nasceu em um ambiente intelectual bastante profícuo (Larreta, Giucci, 2007), sendo seu pai, Alfredo Freyre, um educador bastante conhecido no Recife, que o teria orientado desde cedo para a vida intelectual. Sua mãe Francisca de Mello Freyre, por outro lado, também teria exercido influência sobre a vida literária do filho, lendo para ele poemas e fábulas em sua infância, de tal modo que a Literatura e as letras em geral sempre estiveram presentes em sua vida desde a mais tenra infância.

Todavia, não foi através da escrita que o menino Gilberto primeiro aprendeu a se expressar, mas sim pelo desenho, pela pintura. Sua imaginação se expressava através de imagens de tal forma que essa forma de comunicação fora para ele tão relevante quanto o texto. Não à toa, podemos afirmar que uma das características mais fecundas de seu trabalho é o forte aspecto imagístico (Motta, 2009).

A ida aos Estados Unidos em sua juventude também fora marcante para a formação intelectual literária de Freyre, pois como bem indica Pallares-Burke (2005), nos cursos de “composição e retórica” da Universidade de Baylor é que Freyre entra em contato com muitos ensaístas britânicos que marcaram fortemente sua trajetória.

Ao que me parece esse não seria um dado sem menor relevância, pois é através do gênero ensaístico que Freyre acaba por produzir a maior parte de seu legado intelectual¹, mais que isso, é esse gênero que lhe possibilita ter liberdade o

1 É importante indicar que não apenas Freyre, como também toda uma geração de pensadores que passa a se destacar a partir dos anos de 1930 que utilizam largamente o ensaio como forma de produção do

suficiente para realizar um trabalho científico que não recaí na dureza de uma forma mais ortodoxa e convencional de produção do conhecimento.

Ademais, em seu curso de mestrado na Universidade de Columbia ele também realizou um curso de Inglês e outro de Belas-Artes, o que demonstra a multiplicidade de interesses que ele possuía e sua proximidade com esse campo.²

Sua proximidade com a Literatura se dá através de formas diversas e em diferentes níveis, como bem destaca Velho (2008: 13):

Saliente-se que Freyre não só manteve, mas expandiu seus interesses em literatura, cultura e arte em geral. Assim, não só dedicou-se à literatura de língua portuguesa, do Brasil e Portugal, mas também à espanhola, francesa, inglesa e italiana (ver Bastos, 2003; e Pallares-Burke, 2005). Entre os seus próprios trabalhos, não posso deixar de lembrar a conferência que fez, já aos 84 anos, sobre Camões. Nela, explora a vocação de antropólogo do grande bardo português (1984). Quanto à Espanha, um dos exemplos mais interessantes é a análise que Elide Rugai Bastos faz das afinidades de Freyre com a obra de Ganivet, particularmente *Granada La Bella*, além das relações com as obras de Baroja, Unamuno e Ortega y Gasset. Embora não tivesse o mesmo domínio direto da língua, também freqüentou autores alemães e russos. Esteve sempre ligado às preocupações de uma história da cultura e às reflexões sobre o desenvolvimento e transformações da sociedade mundial. O seu cosmopolitismo intelectual e existencial beneficiou-se não só de leituras, mas das diversas viagens que fez no decorrer de sua longa vida. Interessou-se pelos assuntos mais variados e por diferentes perspectivas de aproximação da condição humana, distanciando-se do perfil de especialista

conhecimento sofreu fortes críticas nas décadas seguintes, compreendidos como pertencentes a um período pré-científico do trabalho acadêmico. Todavia, tem havido uma revisão intensa que visa problematizar tal divisão, para uma melhor análise dessa questão vide Botelho e Bastos (2010).

- 2 Tendo realizado mestrado em História Social, do qual resultou a dissertação “Vida Social no Brasil nos meados do século XIX”, seus cursos se concentraram principalmente em História (seis), além de Lei Pública (dois), Sociologia (dois) e Antropologia (dois).

fechado em um compartimento acadêmico. Destaque-se, por exemplo, o seu enorme interesse nos pré-rafaelitas e na obra de Walter Pater. Entre seus interesses literários mais notórios, cita-se Marcel Proust, não só pelo seu valor literário intrínseco, mas pela maneira sofisticada com que lidava com o tema da memória e das emoções. Nesse território, Bergson certamente foi outra referência importante para Freyre. Sabemos que, através do pai, teve acesso a clássicos da Antiguidade. Leu a Bíblia, foi leitor de Shakespeare, Montaigne, Dostoievski, Balzac, Goethe, Tolstoi, Thomas Mann, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Chesterton, Eugene O'Neill, entre tantos outros. Foi incentivador de José Lins do Rego. Não devemos esquecer também as suas incursões no território da ficção como, já em idade mais avançada, o seu *Dona Sinhá e o Filho Padre*, além de seu permanente interesse pela pintura, com várias exposições realizadas. O que importa é menos listar todos os escritores e filósofos que leu especificamente, mas ter idéia do universo cultural em que se movia, com essa forte dimensão literário-humanista que marcou sua carreira e perspectiva.

É através desse intenso contato que Freyre se forma intelectualmente, e neste sentido, é relevante pôr em relevo o próprio processo de autorrepresentação que o autor tem de si e de seu trabalho, sendo para tanto bastante emblemática é a passagem de *Como e porque sou e não sou sociólogo* na qual ele indica que “O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outro assunto” (Freyre, 1968: 165). Esta afirmação tanto nos aponta para a centralidade que a questão da escrita literária tinha para seu trabalho, como também indica a existência de uma perspectiva para o autor na qual não havia uma rígida e intransponível distinção entre o fazer literário e a elaboração de uma reflexão sobre o social. Mais adiante Freyre prossegue (Idem: 179):

A verdade, porém, é que, no meu caso, o que venho procurando ser é escritor que, como escritor, se serve da sua formação ou do seu saber – se é que existe – científico – o antropológico, principalmente – em vez de pretender ser principalmente antropólogo ou sociólogo ou historiador, ou pensador, por assim dizer, institucional. (...) Daí sentir-me com desembaraço ou liberdade para me exprimir, principalmente, como escritor, – escritor com pretensões a escritor literário – sem que para tal renuncie à responsabilidade de que me veste a formação ou a condução de cientista e, talvez, – “excusez du peu” – a de pequeno pensador.

Essa sua autorrepresentação se dá concomitante à análise do perfil de outros escritores/pensadores como Cervantes, Vives, El Greco, Proust, Lawrence etc., e como em um espelho que projeta uma imagem invertida Freyre vê a si mesmo nestes autores. Ao passo que o pernambucano seria um cientista social que produziria um legado de valor literário, todos estes renomados escritores teriam produzido obras literárias de elevados valores sociológicos, antropológicos, historiográficos etc.

Ao que me parece o processo de autorrepresentação de Freyre – continuamente realizado junto com uma análise de autores internacionalmente renomado ao lado dos quais ele se coloca – nos dá uma chave interessante para compreendermos como ele entende a relação entre Ciência Social e Literatura.

O trabalho do cientista não seria guiado exclusivamente por valores científicos ortodoxos, pois a intuição, a empatia, a saudade e a imaginação teriam um lugar central no processo de produção da análise da realidade social. Novamente o exercício comparativo com outros autores é interessante, pois sem negar o valor literário de seus trabalhos ele destaca o caráter analítico de trabalhos como os de Euclides da Cunha (Freyre, 2011) e de Camões (Freyre, 1984), a este último ele atribuiu a característica de anteceder aos antropólogos modernos, tendo sido capaz de captar a dualidade do povo português (Oliveira, 2015b).

Reconhecer os valores literários do conjunto de seu trabalho é algo que vem sendo realizado curiosamente mais suas obras tidas como científicas (Amado et

ali, 1962) como *Casa-Grande & Senzala* (2003 [1933]) e *Sobrados e Mucambos* (2006 [1936]), que aquelas que ele denominou de “seminovelas”: *Dona Sinhá e o Filho Padre* de 1964 e *O Outro Amor de Dr. Paulo* de 1977.

Há de se destacar também que nos seus trabalhos mais famosos, que são aqueles que compõem sua “Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil”³, a literatura não aparece apenas como algo a ser examinado à luz das teorias provindas do campo das Ciências Sociais, mas também como elemento que possibilita uma compreensão mais profunda da sociedade brasileira, incluindo aí também os relatos de viagens realizados por estrangeiros (Leão, 2014). Freyre parece indicar com isso que os autores de obras literárias também estão examinando a sociedade na qual se inserem, o que seria de interesse das ciências sociais, ainda que não sejam fazeres que se equivalem.

Essa fluidez que ele percebe entre o fazer científico e o fazer literário, desse modo, não apenas se expressaria em seu trabalho, como seria também parte significativa da base que sustenta suas colocações. É por se perceber como escritor e não apenas como sociólogo ou antropólogo que Freyre permite não se prender aos cânones científicos, lançando mão da literatura também como fonte de sua análise da realidade social brasileira. Como podemos perceber nessa passagem de *Sobrados e Mucambos* que se refere a ascensão do bacharel e do mulato na sociedade brasileira “Aluíso Azevedo deixou-nos em romance – verdadeiro “documento humano” recortado da vida provinciana do seu tempo, segundo a técnica realista que foi um dos primeiros a seguir entre nós – meticoloso retrato do bacharel mulato educado na Europa.” (Freyre, 2006: 732). A Literatura nesse caso não surge apenas como um objeto a ser analisado à luz da Sociologia, mas sim como uma fonte analítica da realidade social.

Acredito, portanto, que há um contínuo entre sua autorrepresentação de Freyre enquanto escritor e sua concepção do fazer literário, e ainda que não seja o foco desse artigo realizar uma análise detalha da biografia do autor, creio que esse é um ponto relevante a ser aventado para uma melhor compreensão do próximo tópico acerca de uma possível Sociologia da Literatura em Freyre.

3 Essa trilogia é composta pelos livros *Casa-Grande & Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1959). Faria parte ainda uma quarta obra intitulada *Jazigos e Covas Rasas* que nunca chegou a se completar.

Por uma Sociologia da Literatura em Freyre

O processo de elaboração de uma Sociologia da Literatura em Freyre, que ainda que possa ser esboçado desde seus primeiros escritos, já nas suas primeiras publicações em jornais quando se dedicava à crítica literária, ou ainda de forma mais explícita com a organização do Congresso Regionalista em 1926 (Freyre, 1955a), acredito que só ocorre de forma mais sistemática mais tardiamente em seu trabalho.

Compreendo que parte da sistematização que ele realiza em torno dessa temática se deu quando ele lecionou o curso de Sociologia da Arte junto à Escola de Belas Artes da Universidade do Recife em 1957. Apesar de haver poucos registros desse curso, encontram-se disponíveis na Fundação Gilberto Freyre (FGF) as fichas de inscrição de alguns dos alunos que participaram do curso, chamando a atenção as perguntas presentes nela, como quais obras de sociologia o aluno já conhece, que jornais e revista costuma ler, quais rádios e programas que ouve, recreações de sua preferência, arte ou artes de sua preferência, cor ou cores de sua preferência, língua ou línguas que lê e países que já conhece⁴, estando entre os alunos desse curso o escritor Ariano Suassuna (1927-2014).

Obviamente que em todas suas obras há alguma dimensão analítica referente à literatura, em *Novo Mundo nos Trópicos*⁵ ele chega a dedicar um capítulo intitulado “A literatura moderna do Brasil considerada em alguns de seus aspectos sociais”, no qual ele especifica a relevância sociológica de analisar a arte e a literatura, pois seria através da expressão artística que “(...) os homens mais parecem projetar a sua personalidade, e, através da personalidade, o seu *ethos* nacional.” (Freyre, 2010a: 243).

Para ele o marco de uma arte nacional, que não se propõe a ser meramente uma cópia do que era produzido na Europa, é o trabalho do escultor Aleijadinho, que era filho de um artesão português com uma escrava. Segundo Freyre (Idem: 244):

4 Documentos acessados na Fundação Gilberto Freyre em janeiro de 2016.

5 Este livro é uma versão ampliada de *Interpretação do Brasil*, publicado originalmente em inglês em 1944 e em português em 1947, contando com quatro capítulos a mais, tendo sido publicado primeiramente também em inglês em 1959 e em português em 1971.

A sua maneira satírica ou sarcástica de exagerar brutalmente, nos oficiais e soldados romanos e nos altos sacerdotes judeus que perseguiram Jesus, não só o nariz mas outras características de raça, parece indicar também a sua revolta contra a dominação e exploração de uma região rica, como era a das minas de ouro do Brasil, por arrogantes oficiais e soldados portugueses, e, segundo alguns historiadores, por padres e frades desbragados, tanto como por comerciantes judeus, que ali chegaram atraídos pelo ouro e pelos diamantes.

Nessa passagem chamo a atenção para dois aspectos, o primeiro e mais evidente é que para Freyre a arte sempre revela algo do social, ainda que não seja um reflexo automático desse, de tal modo que o Aleijadinho poderia ser, a seu modo, também um crítico social; o segundo, é que as conclusões que Freyre retira da obra de Aleijadinho não parecem estar assentadas em uma análise fundamentada em dados objetivos, mas principalmente na intuição do autor.

A partir das colocações sobre esse escultor, Freyre aponta que a sátira é uma das características mais marcantes da literatura brasileira. Essa marca estaria presente em outras formas de arte, como nas canções populares, ou ainda na arte de confeitar. A sátira seria, portanto, um dos pontos de conexão entre a literatura e a crítica social, que também seria analítica em seu fazer.

Porém, ao voltar-se especificamente ao romance, Freyre indica que os problemas sentimentais e morais de desajustamento da personalidade ao meio seria o grande tema do romance brasileiro (Freyre, 2010a), isso é relevante especialmente se considerarmos o argumento proposto por Araújo (1994) ao analisar o trabalho de Freyre, que compreende que o meio tem uma relevância significativa na modulação das características psicossociais dos indivíduos⁶. Do mesmo modo, Freyre atribui a alguns dos escritos brasileiros também essa característica no nível biográfico: o desajustamento entre eles e o meio.

Poucos anos após a publicação de *Novo Mundo nos Trópicos* Freyre publicou *Vida, Forma e Cor* (2010b [1962]), que em verdade reuniu inúmeros trabalhos escritos em períodos distintos, e no mesmo ano também foi publicado o livro

6 Para Araújo (Idem) Freyre adota uma posição neolamarckiana, através da qual o estoque biológico, definidor da raça, se tornaria maleável ao “meio físico”.

Talvez Poesia (2012 [1962]), que segundo o próprio autor são obras que se completam. Naquele primeiro trabalho Freyre inicia a seguinte reflexão:

É subtendendo-se a relativa independência do artista ou do escritor do que seja estritamente científico, imperialmente científico, que se sugere sua iniciação em estudos antropológicos e sociológicos. Particularmente numa sociologia da arte, num caso, da literatura, noutra, que o ponha em contato com o que há de sociológico na arte ou na literatura: nas suas formas. Pois se é certo que para alguns estudiosos de assuntos artísticos, em arte, a forma é o objeto principal de estudo, para outros tantos estudiosos de assuntos sociológicos, em sociologia, a forma social seria o objeto principal de consideração propriamente sociológica. Um ponto de contato nada desprezível. (Freyre, 2010b: 269).

Seria na dimensão da forma que a sociologia poderia então trazer uma contribuição mais incisiva para o campo das artes de modo geral, e da literatura de modo particular. Isso significa que Freyre percebe a existência de uma dimensão na qual predominam o que ele intitula de “elementos não-literários”, que se articulam aos elementos que seriam propriamente pertencentes a uma dimensão mais subjetiva do artista.

O caso de José Lins do Rego seria emblemático, pois apesar de trabalhos seus serem repletos de uma análise cuidadosa da realidade social retratada, como *Menino de Engenho*, o mote principal para a escrita dessa obra seria antes de tudo a saudade. Mas a saudade também é o mote da produção científica de Freyre, para ele esta seria um recurso metodológico (Villas Boas, 2006). Não podemos esquecer que Freyre cogitou escrever uma obra intitulada *Em Busca do Menino Perdido* – numa referência ao trabalho de Marcel Proust (1871-1922) *Em Busca do Tempo Perdido* – quando seus interesses gravitavam em torno de escrever a história do menino brasileiro (Oliveira, 2015a), e que ele dedica *Casa-Grande & Senzala* a seus avós. A saudade aparece, portanto, como um elemento comum na construção do texto literário e do texto científico.

Para a compreensão da própria estética, no sentido de beleza, o autor segue a seguinte argumentação: “Não é preciso, entretanto, que se chegue a esse extremo

do economicismo para admitir-se a influência de meio físico, de condições étnicas e de ambientes sociocultural sobre o que, nas obras de arte – inclusive nas de literatura – do mesmo modo que na figura humana e na natureza, se considera beleza.” (Freyre, 2010b:271)

Talvez atualizando a linguagem sociológica utilizada por Freyre, possamos afirmar que para esse autor a arte seria algo passível de explicação não apenas no nível da estrutura social, como também no da agência. Nesse ponto é importante ressaltar que em Freyre os casos individuais ilustram e exemplificam os processos sociais, porém sem esgotá-los (Morais, Ratton Jr., 2005), de modo que os vários exemplos de autores que ele traz apontam para uma parte de questões mais amplas envolvendo a arte e a literatura no Brasil.

Ainda no que tange à possibilidade de se pensar uma Sociologia da Literatura, em *Alhos e Bugalhos* o autor aponta para as seguintes questões:

Para que uma Sociologia da Literatura? Que pretende? Que vantagem haverá na sua aplicação ao Brasil? Que pretendem os já chamados sociólogos da literatura?

São vários seus objetivos. E como noutras sociologias novas e especiais, seu valor depende menos do que nelas se apresenta como ciência ou como método do que da inteligência, da sensibilidade e do saber mais-que-sociológico dos seus cultores. Precisam eles de agir sutilmente na discriminação do que, em criações aparentemente só estéticas ou só literárias, seja a presença, nem sempre menos importante, de elementos não artísticos misturados aos artísticos, ou não literários misturados aos literários. Precisam de saber descobrir o que, na repercussão de tais criações, tem sido efeito de influências também não artísticas ou não literárias. Influências principalmente psicossociais e psicoculturais, de modo algum desprezíveis por não serem estritamente estéticas. (Freyre, 1978:123).

Ao que me parece, Freyre almejava nesse momento delinear um campo claro da Sociologia da Arte e da Literatura, indicando elementos que deveriam ser considerados para o processo de elaboração de tal “sociologia especial”. Todavia,

em que pese a relevância que ele dá aos “elementos não-literários”, que seriam por excelência o campo no qual a sociologia poderia trazer uma contribuição mais incisiva, ele insiste em demarcar a existência dos elementos literários, de modo que a subjetividade do artista não se evanesce em sua análise.

Penso que esse ponto fica ainda mais evidente quando Freyre se volta para a biografia e o trabalho de alguns autores como Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos e Manuel Bandeira (Freyre, 2011), quando ao pensar nesses casos particulares ele destaca também a existência de elementos sociais na produção de determinadas obras literárias, mas sem retirar a genialidade desses autores.

Ao interpretar a obra de José de Alencar (1829-1877) Freyre destaca a sua característica eloquência, apontando isso como algo que chega a destoar de outros de seu tempo. Ainda sobre Alencar Freyre afirma que ele percebeu o amor como compilação com do social com o natural (Freyre, 1955), com isso o autor deixa espaço para a dimensão interpretativa e criativa de Alencar em seu próprio trabalho.

Desse modo, a obra literária é justamente o encontro dos elementos subjetivos com aqueles mais sociais, de articulação do indivíduo com a cultura. Sendo assim, seria possível captar características próprias de uma literatura nacional, sem que com isso se perca de vista as idiossincrasias do trabalho autoral. A própria relevância de captar essas características se imbrica com o projeto maior da obra freyreana: interpretar o Brasil, de tal modo que a interpretação do país, a captação de seu *ethos* ao mesmo tempo ilumina e é iluminado pela análise realizada da literatura nacional.

Outra questão relevante que se coloca na Sociologia da Literatura que Freyre elaborou, diz respeito à compreensão de que não há uma distinção estanque entre fazer literatura e pensar a sociedade na qual essa obra é produzida, o que já indiquei ao apontar para a própria autorrepresentação que Freyre faz de sua prática. Em trabalhos como *Reinterpretando José de Alencar* (1955b) e *Camões: vocação de antropólogo moderno?* (1984), Freyre aponta para a capacidade de captação do social nos trabalhos desses dois escritores, reforçando esse argumento da não divisão rígida entre esses campos, ainda que em nenhum momento ele afirme que eles se equivalham. Sobre os autores contemporâneos a seu tempo Freyre (2010b [1971]: 252) indica que:

Dos modernos romancistas brasileiros que se ocupam de

problemas sociais – autores como José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Amando Fontes, Viana Moog e Erico Veríssimo, cujo *O tempo e o vento* é obra notável de evocação do passado regional do Rio Grande do Sul – pode dizer-se que, embora realistas, são também românticos, o seu impulso romântico voltando-se não tanto para um passado imaginário como para um imaginário futuro.

Reafirma-se desse modo que ainda que possamos encontrar “elementos não-literários” nos trabalhos desses escritores, haveria outras questões que se substanciam nesse “impulso romântico”. No caso de Euclides da Cunha ele chega a afirmar que sua obra tem sido capaz de abrir para os estrangeiros o caminho para a compreensão do Brasil através da literatura (Freyre, 2011). Em outros termos, ele reafirma aqui o caráter heurístico da obra literária, e sua relevância na captação do *ethos* nacional.

Avento como hipótese – já apontada na parte anterior desse artigo – de que as questões postas por Freyre no âmbito de uma Sociologia da Literatura se relacionam à sua própria autorrepresentação enquanto escritor, pois, a não separação estanque entre o fazer literário e a análise da cultura e da sociedade possibilita que Freyre se afirme enquanto um ser anfíbio, ou em suas palavras:

Quem assim reconhece sua condição híbrida de talvez escritor e de possível sociólogo, considerando-se principalmente escritor, por ser esta a condição que vocacional e profissionalmente o define, mas de modo algum repudiando sua formação sistemática de cientista social, não se julga prejudicado pelo fato de escrever – segundo alguns – “literariamente”, quando se ocupa de assuntos sociológicos e antropológicos. (Freyre, 1968: 57).

Porém, Freyre não seria o único, outros se colocam ao seu lado nesse fazer cambaleante e ambivalente, em sua maioria sujeitos reconhecidos mais como escritores que como cientistas, como seu próprio amigo José Lins do Rego, de quem ele diz ter sido mestre em certo sentido (Freyre, 2010b), por ter exercido sobre ele forte influência intelectual, porém ele também admite a influência que o

amigo paraibano exerceu sobre ele (Freyre, 1978).

Trago nesse ponto outra hipótese para pensar esse esboço de uma Sociologia da Literatura em Freyre: em que pese toda sua proximidade com esse campo, o que é transparecido especialmente no estilo de escrita assumido e na própria utilização da literatura enquanto fonte⁷, acredito que a necessidade de Freyre reafirmar continuamente sua condição dual de cientista e escritor é elaborada, em grande medida, em resposta aos questionamentos que ele recebeu pelas gerações de cientistas sociais que o sucederam, que ao criticarem sua possível falta de rigor científico indicaram que seu trabalho “(...) ficaria na fronteira do literário e, portanto, considerado ultrapassado pelos cânones de uma modernidade científica” (Velho, 2008: 17).

Deve-se considerar, desse modo, o fato de que quando Freyre ganha visibilidade nacional nos anos de 1930 ainda estavam sendo criados os primeiros cursos de Ciências Sociais no Brasil, portanto, ainda não havia uma geração de cientistas sociais profissionais. Nas décadas seguintes esse cenário se altera substancialmente, pois é nesse período que surgem os resultados das pesquisas dessa nova geração de antropólogos e sociólogos, e Freyre passa a ter sua posição enquanto tal contestada s novos ditames do campo acadêmico brasileiro, nos quais ele nunca se encaixou completamente.

A resposta de Freyre às críticas sofridas a sua possível ausência de rigor científico é dada de várias formas, o que inclui seus inúmeros prefácios, os novos capítulos e notas de rodapés inseridos em seus trabalhos em inúmeras edições, mas também por meio da afirmação de que o caráter literário de seu trabalho não retiraria seu caráter científico. Portanto, em vez de recuar para o “cientificismo”, ele passa a acentuar de forma ainda mais categórica sua aproximação com a literatura, reafirmando sua autorrepresentação enquanto escritor, mas também se projetando de determinado modo em alguns escritores e cientistas renomados. Em suas palavras:

Daí alguns críticos irem ao extremo de me considerarem por vezes “romanesco”: outra caracterização que não desagrada de todo, sabido como é que entre o método com que um

7 Essa utilização e tratamento de múltiplas fontes é considerado por Burke (1997) uma antecipação com relação ao que encontramos na chamada Nova História, de tal modo que trata-se aqui de um aspecto profundamente inovador do trabalho de Freyre.

antropólogo-sociólogo ou um sociólogo-historiador da espécie de Max Weber, de Dilthey, de Malinowski, de Margaret Mead ou de Trevelyan lida com seus objetos de estudo e do romancista do tipo de Defoe, Proust, de Joyce (até Ulysses), de Tolstói, de Valle Inclán, de Unamuno, de Machado de Assis – o que se especializa em romances romanescamente biográficos ou em biografias em profundidade – há vários pontos de coincidência: precisamente aqueles que importam em acrescentar o antropólogo ou o historiador-sociólogo quase tanto o romancista, alguma coisa de empático – de imaginativamente empático – às suas tentativas de compreensão ou apreensão da realidade por eles considerada, umas, tentativas – as do antropólogo-sociólogo – condicionadas pelo conhecimento objetivo dessa própria realidade nas áreas alcançadas, susceptíveis de ser alcançadas, por esse conhecimento, outras, pela verossimilhança dentro da qual se tem que necessariamente mover o romancista daquele tipo. (Freyre, 1968: 64-65).

Compreendo que no pensamento de Freyre a chave que possibilitaria juntar esses dois afazeres seria a intuição associada à empatia e à imaginação, que estaria presente tanto no fazer literário quanto no científico. Essa centralidade da dimensão intuitiva no trabalho desse autor acaba por criar um canal de conexão entre a Literatura e a Sociologia, um espaço de livre trânsito. E a intuição também aparece de modo recursivo no processo interpretativo de Freyre acerca da arte, e especialmente do fazer literário, como já exemplifiquei através do caso do Aleijadinho.

Pode-se ainda inferir que a afirmação do caráter dual do escritor e do cientista social e do escritor também se relaciona a sua própria compreensão de mundo social, especialmente quando ele se volta para o mundo ibérico-tropical. Os povos ibéricos, especialmente o português, seriam profundamente duais, divididos entre a Europa e a África, entre o Ocidente e o Oriente, e certamente uma das partes mais significativas que estes povos deixaram nos trópicos foi essa dualidade. Desse modo, a partir de sua herança ibérica, ainda que modelada pelos

trópicos, Freyre nunca poderia ser apenas um, nem apenas escritor nem apenas cientista.

No que tange especificamente à sua análise do romance literário, há de se considerar que na interpretação de Freyre seria impossível construir um romance sem ter em vista os elementos “extra-literários”, porém não estou completamente seguro se para ele o inverso é uma verdade absoluta, uma vez que ele continuamente chega a se posicionar de forma contrária ao academicismo rigidamente disciplinar e assumidamente anti-intuitivo. Claro que ele assume uma posição continuamente ambivalente com relação a esta questão, pendendo entre uma posição e outra.

Penso que para Freyre assim como a Literatura está plena de elementos “extra-literários” em sua produção, também o trabalho científico está repleto de elementos “literários”, ao menos em sua interpretação acerca do fazer científico. Pois, não seria possível produzir um texto em ciência social que não fosse intuitivo, imaginativo e empático em algum grau, assim como é seu próprio trabalho.

Considerações Finais

Este artigo se propôs a contribuir para o campo da Sociologia da Literatura no Brasil através da análise da obra de Freyre, compreendendo seu trabalho como um dos pioneiros nessa seara, o que fora explorado principalmente através de escritos desse autor que ganharam menor visibilidade entre os pesquisadores dedicados ao estudo de seu legado intelectual.

Algumas das ideias por ele esboçadas já se tornaram amplamente aceitas no debate intelectual, sem que com isso se desse o devido crédito ao seu pioneirismo no Brasil. Mais recorrente mostra-se o reconhecimento do valor literário de seus trabalhos acadêmicos, especialmente aqueles mais conhecidos, como *Casa-Grande & Senzala*.

Sua Sociologia da Literatura, desse modo, aponta para uma compreensão não estanque entre a Ciência Social e a Literatura, o que Freyre exemplifica através do trabalho de inúmeros letrados, incluindo a si mesmo (talvez de forma principal).

Afirmo como hipótese nesse trabalho que o mote principal de sua Sociologia da Literatura relaciona-se à forma encontrada pelo autor de responder às críticas realizadas ao seu trabalho, centradas no questionamento do seu rigor científico devido à proximidade com a Literatura. Portanto, a relação entre Sociologia e Literatura em Freyre se compreende à luz da própria autorrepresentação que Freyre faz de si.

Curiosamente Freyre torna o que seria sua “fraqueza”, ao menos de acordo com seus críticos reais e imaginários, sua força, e em vez de recuar e buscar afirmar apenas o caráter científico de seu trabalho, ele assumiu uma posição na qual compreende que a produção literária e científica partilhariam de pressupostos em comum, especialmente através da intuição, da empatia, da saudade e da imaginação.

Referências

Amado, Gilberto et alii. 1962. *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia e sua arte*. Rio de Janeiro, José Olympio.

Araújo, Ricardo Benzaquen. 1994. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Botelho, André; Bastos, Elide Rugai. 2010. “Pensamento Social Brasileiro”. In: Martins, Carlos Benedito Martins; Martins, Heloisa Helena T. de Souza. (Org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil: Sociologia*. São Paulo: ANPOCS: 475-496.

Burke, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história”. 1997. *Tempo soc.*, 9 (2): 1-12..

Freyre, Gilberto. 1978. *Alhos & Bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce à Cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão Postal*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

_____. 1984. *Camões: vocação de antropólogo moderno?*. São Paulo: Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo.

_____. 1968. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____. 1955a. *Manifesto regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.

_____. 2010a. *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Global.

_____. 2011. *Perfil de Euclides e outros perfis*. São Paulo: Global.

_____. 1955b. *Reinterpretando José de Alencar*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.

_____. 2006. *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. Global: São Paulo.

_____. 2009. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: Global.

_____. 2012. *Talvez poesia*. São Paulo: Global.

_____. 2010b. *Vida, Forma e Cor*. São Paulo: Global.

Larreta, Enrique Rodriguez; GiucciI, Guillermo. 2007. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Leão, Andrea Borges. 2014. "Nós e os franceses: Gilberto Freyre à prova de Adèle Toussaint-Samson". *Etnográfica*. 3 (3): 625-647.

Morais, Jorge Ventura de; Ratton Jr, Jorge L. A. 2005. "Gilberto Freyre e a Articulação dos Níveis Micro e Macro Na Sociologia". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20 (58): 129-144.

Motta, Roberto. 2009. Élide, Gilberto, Imagismo e Língua de Universidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24 (69): 185-206.

Oliveira, Amurabi. 2015a. A Meninice no Pensamento de Gilberto Freyre. *Política & Trabalho*, s/v (43): 203-218.

_____. 2015b. O Oriente, o Luso e o Brasil na Obra de Gilberto Freyre. *Asian Journal of Latin America Studies*, 28 (4): 73-89.

Pallares-Burke, Maria Lucia. 2005. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP.

Velho, Gilberto. 2008. "Gilberto Freyre: trajetória e singularidade". *Sociologia, Problemas e Práticas*, s/v (58): 11-21.

Villas Boas, Gláucia. 2006. *Mudança Provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV.